

Exposição coletiva de pintura, escultura e fotografia instiga à reflexão

Entre 3 e 17 de julho o bar e corredores do Centro de Cultura e Congressos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos (SRNOM) albergaram uma exposição coletiva de pintura, escultura e fotografia, que num todo consistente ofereceram várias visões do mundo.

António Porto, Gonzalo Sellés Lenard, Kirsten Müller, José da Silva, Marco Santos, Michael Mahesh e José de Carvalho partilham a vocação pelas artes, seja através da pintura, escultura ou fotografia. Os sete artistas, com o pintor António Porto a fazer a ponte, já expuseram juntos em várias ocasiões. Desta vez a Casa do Médico foi o local escolhido para darem a conhecer as suas obras.

Na inauguração da exposição, a 3 de julho, em jeito de visita guiada, Gonzalo Sellés Lenard partilhou connosco a sua opinião sobre os trabalhos expostos, que considera terem grande qualidade. O pintor, que vive e

trabalha em Vigo, tirou das obras de Marco Santos múltiplas interpretações, confirmadas mais tarde pelo autor, relativas à “cegueira da sociedade”, abuso de poder e sobrevalorização dos números em detrimento das pessoas.

Em “O Silêncio dos Cordeiros”, por exemplo, surge um rebanho em prados verdes do lado esquerdo, seguido de um sujeito político num púlpito e do seu lado direito, após a sua passagem, o vazio, apenas um rastro de destruição. “Procuro retratar o tempo em que vivemos, pinto o que me vem à cabeça no momento”, contou Marco Santos, admitindo que pretende despertar a reflexão e a alteração de comportamentos.

Sobre as suas próprias pinturas, Selles Lenard confessou haver uma linha condutora: a técnica



utilizada. “Trabalho com a mesma pincelada e repito-a sequencialmente”, afirmou, garantindo em seguida que as obras “nunca ficam iguais”. Seja pelas sombras ou movimento, a junção das pinceladas, que se assemelham a “pétalas ou algas”, transportam-nos para mundos diferentes.

António Porto, que em março de 2011 assinou uma exposição de pintura na SRNOM em conjunto com João Marrocos, é apaixonado pela arte desde pequeno, mas neste intervalo teve oportunidade de viajar bastante, por vários países europeus mas também por outros mais longínquos como a Austrália, Sri Lanka e Malásia. Embebido nas histórias, cores e diferenças culturais dos locais que visitou, foi transportando

para as suas obras as memórias e emoções, podendo afirmar que essas viagens tiveram um impacto profundo na sua personalidade e rumo artístico.

Também a arte de Michael Mahesh é influenciada pelas suas vivências, que remetem para a cultura e natureza, desde o budismo às culturas nativas, como a celta. Encara a pintura, a que se dedica há décadas, como uma “jornada visual de imagem para imagem” e como uma “jornada interior”. Há alguns anos o artista mudou-se dos Alpes austríacos para Vila Nova de Cerveira, onde a natureza que envolve o seu estúdio inspira as suas pinturas, muitas vezes relacionadas com a espiritualidade do ser humano, como “Mantra”, “Caminho de Santiago” ou “Purificação”. “Encontrar a paz e harmonia através da arte contribui para a busca da paz interior”, concretizou Mahesh.

Mas esta exposição coletiva contou com mais expressões artísticas como a fotografia de José de Carvalho e Kirsten Müller ou as quatro esculturas de José da Silva, que pela primeira vez expôs na cidade do Porto, apesar de não ser uma estreia na região Norte de Portugal. O escultor luso-galego com nacionalidade francesa

pretende comunicar o que sente e as leituras que faz do que acontece na sociedade esculpindo todo o tipo de objetos e materiais que encontra: “É tudo reciclagem, da madeira ao ferro”, frisou, mostrando-se feliz por dar a conhecer o seu trabalho neste espaço, “com condições muito boas”, realçou a terminar. ■